

Editora
Universitária  UFPE

COLEÇÃO
.....
NOVOS
TALENTOS

05

ENTRE SERPENTES E LEOPARDOS

André Cervinskis

ENTRE SERPENTES E LEOPARDOS

André Cervinskis

ENTRE SERPENTES E LEOPARDOS

Editora
Universitária  UFPE

Recife, 2012

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS

É com grande satisfação que a Editora Universitária (EdUFPE) e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) apresentam ao mercado editorial a *Coleção Novos Talentos*. Trata-se de mais uma iniciativa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pela democratização do acesso ao conhecimento, desta feita por meio do incentivo à publicação de obras inéditas, produzidas por seus servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação.

O nome escolhido não poderia ser outro, pois, como indica, há, entre graduandos e quadro funcional da universidade, novos talentos à espera de uma oportunidade editorial. Em 2012, lançamos o edital de inscrição de propostas e, na primeira fase de publicação, vêm a lume nada menos que 17 títulos, cobrindo diferentes áreas de conhecimento, como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia. A diversidade de temas e o bom número de aprovações demonstram que a UFPE acertou ao perceber a necessidade de uma nova linha editorial para setores tão importantes da comunidade universitária, ampliando, assim, o compromisso de democratização editorial, que já contava com outras séries como *Teses e Dissertações* e *Livro-Texto*.

Outros editais da *Coleção Novos Talentos* virão. Outros estudantes e técnico-administrativos serão incentivados a transformar em livros suas habilidades para a produção do conhecimento. E, assim, essas duas partes vitais da nossa comunidade universitária colaborarão ainda mais com a missão social da UFPE em ser uma fonte de soluções para a melhoria da sociedade.

Maria José de Matos Luna
Diretora da EdUFPE

PREFÁCIO

Conhecendo como poucos a literatura que se faz hoje entre nós, André Cervinskis, com o belo título *Entre serpentes e leopardos*, ou entre as curvas e os saltos inconfundíveis de sua expressão literária, consegue nos mostrar, em discursos que vão da questão de identidade dos autores nacionais à sensação de mal-estar da pós-modernidade, um largo panorama das nossas letras no atual momento histórico. A maior ênfase do autor é reservada, sobretudo, aos estudos culturais que, por sinal, constituem, no momento, a pauta dominante, no domínio das ciências humanas, a partir das universidades. Dessa forma, ao lado de nomes famosos como Manuel Bandeira, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Darcy Ribeiro e os teóricos da Escola de Frankfurt, aparecem, nomes bem mais recentes como Inah Lins de Albuquerque, Telma Brilhante, Salma Bandeira, Lenilde Freitas, Helder Herik, além daqueles autores mais afinados com o ideário crítico da estética contemporânea, na sua queda dos cânones, na desistorização dos sujeitos e na desierarquização dos valores que até pouco tempo haviam moldado a fisionomia da literatura, sem esquecer, obviamente, referenciais mais recentes como os *best-sellers* e as obras de autoajuda. Entre as serpentes, dando voltas sobre a terra, e os leopardos em luta com as ideias e os tempos mais discordantes, vai se desenvolvendo o interessante diálogo de André Cervinskis com os autores e as ideias contemporâneas, merecendo, por tudo isso, além de uma leitura atenta, uma publicação à altura do seu alcance teórico.

Ângelo Monteiro

Poeta, ensaísta e professor
aposentado de Filosofia da UFPE

APRESENTAÇÃO

André Cervinskis é um crítico literário consagrado em diversos trabalhos já publicados. Agora nos apresenta este novo trabalho, onde, como deveria ocorrer com críticos literários em geral, mostra-se humano e tocado pela arte do outro. Assim, o crítico André ultrapassa o limite da técnica literária, apresentando o enlevo que os textos “ensaiados” proporcionam ao homem André. Num mundo eivado de técnicos das letras, é extremamente agradável ler a humanidade enlaçando os conceitos de grandes teóricos, bem presentes na expressão do autor. Como se não bastasse, o próprio André se manifesta em texto que trafega entre uma deliciosa crônica, uma crítica antropológica e estética, além de uma confissão assustada de fé, em “Barroco e Pós-moderno na Festa do Carmo do Recife”. Livro de agradável leitura e que se insere num movimento de crítica literária onde o crítico é efetivamente autor e o criticado encontra uma compreensão para sua obra.

Leonardo Leão

Poeta e graduando em Letras na UFPE

OS LEOPARDOS

01

A SOLIDÃO É ESPAÇOSA, MAS NÃO MARACUJÁ DE GAVETA

Dentre a inumerável produção literária pernambucana de 2010, merece destaque, sem dúvida, o livro de contos *A Solidão é Espaçosa*, de Inah Lins de Albuquerque (Recife: Calibán, 2010).

Dona de um estilo elegante, mas com um texto recheado de humor e leveza, Inah vai conquistando os leitores com um ritmo envolvente; frases curtas e bem-construídas, personagens que parecem ter saído da esquina ou que retratam nossa própria vizinhança.

Certamente contribuiu para isso a convivência profícua com a nata da intelectualidade pernambucana, que frequentou sua casa, como Carlos Pena Filho, seu colega da Faculdade de Direito do Recife; ou mesmo as aulas que teve nas oficinas literárias de Raimundo Carrero; mas é inegável que Inah Lins possui um estilo inconfundível de escrever, com comentários e descrições que não encontramos, infelizmente, nalguns livros de contistas mais recentes.

Para demonstrar isso, citaria alguns contos de que gostei muito em seu livro. O mais emblemático deles, sem dúvida, é *Mansarda*. Conta a história de um rapaz em dificuldades financeiras: Eugênio Lapport. Ele se prontifica a atender um anúncio de uma madame que diz necessitar de um datilógrafo, que durma em sua casa, pagando bem. A misteriosa senhora, Aurora, trata em segredo a autoria do livro, no qual ele deveria trabalhar. Incêndios, palavras de duplo sentido e toda uma cerimônia marcam a passagem de Eugênio pela casa de Aurora. Dessa maneira, o leitor é envolvido por essa aura de mistério e sedução até que, ao final, revela-se a verdadeira intenção desse jogo:

Desceu tarde para o café, não encontrando ninguém ao menos ouvindo o miado do gato. Apreensivo pela ausência das duas, dirigiu-se à sala de espera e observou dois envelopes brancos na pequena mesa, ao lado dos livros de arte. Aproximou a vista, seu nome escrito. Não lembra quanto tempo passou até adquirir a coragem de abri-los.

Sentado na poltrona, na qual encontrara Aurora ao chegar àquela casa, demorou-se. O quanto não conseguia lembrar. Após a leitura da carta, releu-a inúmeras vezes, observando as palavras que formavam um belo texto literário, em nada parecido aos escritos a ele, entregues como material de trabalho.

Tratava-se de uma apaixonada declaração de amor. E no outro envelope, o dinheiro correspondente ao objeto do contrato para revisão e datilografia do texto. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 122).

Outro interessante conto, *Natal no Bordel*, fala de José, homem idoso e enfasiado com sua rotina de vida, que se recusa a passar o Natal em família e regressa à sua cidade de origem. Lá chegando, hospeda-se numa espelunca chamada Riso da Noite, nome sugestivo para o que virá. Sem perspectiva de mudança de rotina, José entrega-se nessa noite à orgia e bebedeiras, com a falsa esperança de que sua vida possa lhe proporcionar ao menos alguns prazeres. Ao final da dança com uma meretriz, decidido, declara:

É o que vou fazer, me separar da mulher, casar, e morar aqui onde conheci a felicidade. Fugi de um Natal na cidade grande e encontrei o melhor presente de Papai Noel da minha vida. Resuscitei o José que há muito não vivia. (p. 148).

Em muitos contos, percebemos que Inah se revela, também, através de seus personagens, na sua maioria, solitários, frustrados e desiludidos com o mundo. Fala de homens que procuram na bebida satisfação e de mulheres que encontram, em antidepressivos e ansiolíticos, o controle de seus fantasmas interiores. No conto *Indecisão*, uma solteirona desce de seu apartamento para uma padaria, simplesmente para passar o tempo, e observa a solidão dos fregueses, inclusive a ironia e desrespeito de um funcionário, que menospreza a situação de uma senhora que mora só:

Voltei para casa sem comprar absolutamente nada e pensando na mulher estranha. Olhando-me no espelho, pensei: o que diriam de mim aqueles que estavam na padaria e compraram pães, doces ou queijos.

Imaginei que diriam: “que mulher doida aquela que andou, observou e saiu sem um pacote de pão”. Pior, passei no caixa, apavorada que me parasse para ver se levava algo escondido. De perto, ninguém é normal. O óbvio mais que perfeito.

Mas às vezes ele o é. (p. 82).

No belíssimo conto *La Nave va*, com epígrafe de Carlos Pena Filho, relata a história de um casal que se conheceu ao acaso. Ela, recifense; ele, holandês. O texto, ambientado no Bairro do Recife, através de um passeio turístico, vai mostrando toda a beleza e encantamento que o centro do Recife provoca em quem o visita, às vezes, passando despercebidos a nós, habitantes dessa cidade anfíbia.

Sua ficção não é pessimista, pois, conforme admite em sua biobibliografia, ao final do livro, “ama a vida”. Não cai, entretanto, na armadilha em que muitos escritores estrepantes caem, que é o de pintar a realidade, achando que a ficção redime o cotidiano, muitas vezes duro e cruel, por que nós passamos.

Assim, no conto que fecha o livro, *Vida e Morte*, após testemunhar o enterro de um amigo, um senhor procura um médico conhecido para desabafar e filosofar sobre a vida e confessa:

– À bem da verdade, amigo, a ideia que tenho desde que passei a porta do cemitério, a vontade que está cravada dentro da minha mente, que não me deixa, sei que é pecado, é a de ir para a casa de Lola: quero mesmo é trepar, trepar; me desculpe, mas é isso mesmo. (p. 206).

É assim, sem falsos pudores, mas com elegância, utilizando um estilo todo particular, detalhista, gostoso de ler, mas não maçante, que Inah Lins de Albuquerque já conseguiu registrar seu nome no panteão da ficção pernambucana. E quem quiser ler o livro, saberá o porquê do esdrúxulo título que dei a esta resenha.

Olinda, 9 de fevereiro de 2011

Em seu mais recente livro, *Descompasso do Tempo* (Recife: Livro Rápido, 2010), Salma Bandeira de Melo continua fiel ao seu percurso de cronista, registrando em prosa histórias peculiares, impressões de particulares, lembranças de seu ofício de delegada da mulher, tudo recheado de um estilo simples e objetivo, mas não menos literário, por citar, *incontinenti*, trechos de livros que leu de Proust, Drummond, García Lorca, entre outros, conforme afirmou, na última resenha de seu livro *Inventário do Tempo* (Recife: Ed. do Autor, 2001), publicado em 2009 em coluna na coluna Líteris, no site *Escritores e Tal*, de Wellington de Melo):

Um livro que mistura crônicas e memórias, num estilo leve e descompromissado com maiores ousadias literárias, se não a de nos contar impressões interiores da autora, um pouco de sua vida e as suas argutas impressões do cotidiano. Uma mistura de memória e narração/descrição. Na maioria das vezes narradas na 3ª pessoa do singular, as crônicas de Salma trazem impressões generosas sobre as paisagens, perfis e situações vivenciadas por ela enquanto mulher, delegada de polícia e psicanalista na Cidade do Recife. Certamente, esses últimos olhares: o de psicanalista – ela o é de formação, como também o de polícia – fundou a Delegacia da Mulher em 1985, tornado-a modelo nacional, tenham apurado nela a percepção mais profunda de sua realidade próxima, própria do escritor. Por outro lado, para se estudar as teorias freudianas, o estudioso deve ser, no mínimo,

um leitor voraz e paciente e é o que demonstra essa escritora, ao citar Proust, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e Fernando Pessoa. (CERVINSKIS, 2010).

Desse modo, a escrita de Salma é solta, gostosa de se ler. O leitor não precisa possuir grandes conhecimentos literários para bem a compreender. É simplesmente sentar e ler. A maior preocupação de Salma, nesse sentido, é registrar fatos curiosos e homenagear pessoas que lhe foram caras, conforme explicita na nota ao leitor:

Sempre aprendemos com o outro, até com aqueles que nos magoam ou surpreendem. Verdadeira caixa de Pandora, o ser humano sempre nos inquieta; somos capturados pela riqueza de sua individualidade. [...] Convivi com pessoas com universos tão ricos e multifacetados que páginas e páginas não seriam suficientes para descrevê-las. Tentei capturar cada um em sua singularidade e presto um tributo a cada uma. (CERVINSKIS, 2010).

É isso que se percebe, particularmente, nalgumas crônicas, como *O enterro com bebidas*, em que descreveu uma despedida regada a álcool; ou em *O rapaz que virou moça depois de morta*, sobre a troca de cadáveres, descoberto *a posteriori*.

São crônicas que retratam a honradez e a miséria humanas, sem qualquer pudor, recheadas, por vezes, de um humor agradável. Nesse sentido, em *A Mulher das Cruzes*, descreve um marido que larga a esposa, em meio às férias do casal, sozinha e sem transporte, na estrada, dispensando explicações; ou na engraçada crônica *A moça que perdeu os dentes por amor*, em que comicamente conta a história de uma matuta que se recusava a ir ao dentista para não deixar de se encontrar com o noivo, que era militar, vindo visitá-la somente uma vez por semana. A teimosia da moça, então, encerrou-se com a perda dos dentes e do amor. Para o leitor de rua ter uma ideia mais precisa dessa minha afirmação, transcrevo uma passagem engraçadíssima e bem escrita da crônica *A morta que ocupou dois túmulos*:

Todos que estavam no velório ficaram admirados da dimensão do caixão, e os comentários não paravam. [...] O primeiro problema: não conseguiram suportar o peso do caixão, tendo

de ser a morta transportada numa carreta. Quando chegou ao jazigo indicado pela Direção do cemitério, o caixão não coube, e começou a *via crucis* da morta. O ataúde passou por quase todo cemitério em busca de um jazigo que lhe abrigasse. Todos eram pequenos para ela. [...] De repente, alguém teve a ideia de abrir dois túmulos. Outra maratona até encontrarem-se túmulos contíguos que estivessem vagos. A noite já caía e nada mais desagradável que enterrar um defunto quando o sol já se esconde no horizonte e a Terra já está sendo banhada pelos raios da Lua. Assim, durante horas, os coveiros trabalharam para conseguir adaptar aquele imenso ataúde em dois jazigos, para exacerbação de nossa angústia. Quando, por fim, o objetivo foi alcançado, estávamos exaustos pela trajetória incomum que nossa morta nos fez passar; despojada de toda sua sensualidade e graciosidade em vida, agora buscava um lugar para descanso em morte. (MELO, 2010).

Com a mesma elegância de estilo e delicadeza, Salma homenageia colegas de trabalho e personalidades da sociedade pernambucana, como Fernando Castelhão, antigo apresentador de TV; Alex e Fernando Machado, colonistas; Samir Abou Hana, comunicador; Tarcísio Pereira, ex-livreiro e atual editor da Livro Rápido; a psicanalista, também escritora, Dulca Campos; e inúmeras figuras anônimas, que são exemplos de abnegação e coragem, como Nair Gusmão, ou de bom humor, como Seu Amaro. Pequenas centelhas de luz e alegria em nossas vidas, poderia, assim, se exprimir a autora acerca deles. Mas as crônicas de Salma também enveredam pela filosofia. Refletem sobre a ontologia do tempo, da morte e mesmo dos objetos e dos livros. Observe-se com que agudeza consegue descrever o valor e o afeto devotado aos utilitários, na crônica *Os objetos*:

De todos os objetos, o que mais me impressiona são as roupas. Pela manhã, elas nos acodem ao menor sinal, saem dos lugares em que jazem e e enroscam nos nossos corpos; são partículas do nosso destino. E de todas as coisas do mundo, de tudo o quanto vimos e tocamos, são as mais próximas de nossa pele, unem-se a nós com laços íntimos, apalpam-nos dia após dia, o longo diálogo, dos tecidos e dos corpos, vestimentas de tormento esplêndidas, os fabulosos disfarces para o drama e a paixão desde a

maldição do paraíso, cobrindo a trágica realidade de toda carne. Algumas são sensíveis ao extremo: a menor brisa as altera; outras só são vestidas em sonhos; outras têm uma tonalidade dourada, dourada sobre o peito, tostadas pelas pulsações. Umas iriam sobreviver a nós. Outras as acompanhavam à tumba. Este é o segredo terrível que elas guardam: “sem nunca sabermos se a roupa que colocamos é também a nossa mortalha e está tecida pelas constelações com fios de fogo”. Esta é a profunda lição que nos ensina Enrique Molina. (MELO, 2010).

Como o leitor pode concluir, o interessante nas obras de Salma é que ela conta assuntos que nos interessam pelo inusitado e extremamente humano de suas crônicas. Não são simplesmente memórias de uma aposentada. Demonstram o talento literário e extrema cultura dessa ex-delegada da mulher, psicanalista, mãe e avó apaixonada por sua prole. Certamente essa dedicação familiar extrema consiga aguçar a sensibilidade de nossa amiga escritora para registrar, com palavras agradabilíssimas, fatos e personalidades tão curiosos.

Olinda, 19 de maio de 2010

03

O NORDESTE COM ESTILO DE ORIENTE

Existem, em literatura, alguns modismos, como em quaisquer outras atividades humanas; de tempos em tempos, algumas estéticas são exaustivamente copiadas pelos mais diversos escritores, talvez com o intuito de conseguir sucesso na hodierna “sociedade do espetáculo”, como apregoam os teóricos dos estudos culturais, espetáculo esse muito criticado por autores como Fernando Monteiro, que enxerga, na homogeneidade estética e quantidade exagerada de livros no mercado, uma ameaça à boa produção literária.

Polêmicas à parte, confesso que gostei do livro *Sendas do Oriente*: haicais (Recife: Novo Horizonte, 2009), de Telma Brilhante. O livro é uma coletânea muito bem construída de poemas em forma de haikai, esse formato literário tradicional do Oriente, especialmente do Japão. E se ela seguiu uma “estética da moda”, não o fez por simples pretensões de reconhecimento; percebe-se que, nesse formato, Telma consegue desenvolver brilhantemente sua verve criativa, identificando as imagens para os olhos menos enrijecidos e ofuscados pelos problemas do cotidiano:

*A coruja espera
no silêncio do espanto
a noite chegar (IV);*

*Quebram o silêncio
nas pedras negras do muro
as ondas raivosas (VI);*

*O céu descoberto
nas entranhas do arco-íris
abrigaram pássaros (L).*

Embora não entenda muito de haicais, entendo um pouco de boa poesia. E boa poesia é o que não falta no livro de Telma. Com arguta sensibilidade poética, Telma vai exercitando a prática de perceber nos elementos que a cercam *insights*, transformando profundas observações interiores em versos bem acabados, de uma beleza que cativa:

*A lua sugou estrelas.
Ciumento, o sol
as luzes apagou (LXV);*

*Nas flores, abelhas
sugam o pólen, serenas.
Avisam orvalhos (LXVI);*

*No alto da montanha
anoitecem as nuvens,
Desabaram lágrimas (LXVIII).*

Nascida no Crato, mas impregnada de pernambucanidade, Telma brilhantemente consegue exprimir, em seus versos, peculiaridades da fauna e flora, dos rios e das formações rochosas da região. Como muito bem disse Carlos Cavalcanti, em prefácio ao livro: “A sua genésica capacidade de escrever revela uma espontaneidade criadora, fluente e multifacetada. Nos seus poemas, a filosofia jorra tão naturalmente que chega a permitir se cavalgar nas campinas verdejantes do Nordeste e, em chegando à costa, singrar as águas irrequietas do Atlântico. Tudo é contemplação!” Assim, a autora vai fazendo se descobrir nas paisagens da região *poiesis*, transformando-as em criativas imagens (grifos nossos):

Solfejam ruídos
na consumação do tempo
inventando luas (LXX);

Sombreadas serras
abrigavam as cavernas
sono de sementes (LXXIII);

Despertam os rios
Nas despedidas do inverno
bebem os caminhos (LXXIV).

Como podemos sentir o sono de sementes? Ou inventar luas? Ou ver os rios bebendo os caminhos? Talvez o leitor entenda muito mais do que a poeta quis se expressar, lendo e detendo-se nos poemas, pois nessas sendas (“caminhos estreitos; veredas”, segundo o Minidicionário Houaiss), Telma Brilhante ajuda a descortinar e enxergar toda poesia que rodeia essa região luminosa, exuberante e seca, acolhedora pelos braços de sua gente e arisca pela natureza (o Sertão), cheia de contradições como é a vida.

Olinda, 2010

04

BARROCO E PÓS-MODERNO NA FESTA DO CARMO DO RECIFE

15 de julho de 2010. Depois de um dia de estresse e aborrecimentos, vou à Basílica do Carmo, no Recife, prestigiar a festa de sua padroeira. Vou também rezar e agradecer. Mas eis o meu espanto, quando percebo as transformações pelas quais passou essa festa, que acompanho com devoção desde criança. Um canhão de luz joga raios coloridos na abóbada da Igreja, formando um céu luminoso acima das cabeças dos fiéis. Dois telões enormes ao lado do altar reproduzem imagens da santa, dos animadores e do coral da festa. Por vezes, *flashes* da multidão. De repente, as atenções se voltam para o centro da Igreja. Uma procissão de padres, frades, pessoas ilustres e membros da Irmandade do Carmo precedem um bispo, cujo nome não foi anunciado. As luzes do altar e do templo escurecem, deixando somente como foco a linda imagem barroca de Nossa Senhora do Carmo; lindíssima, gloriosa, coberta de adornos de ouro, tendo anjos e nuvens aos pés. Esse cenário lembrou-me um pouco aquela música de Elba Ramalho, que, aliás, nesse ano, homenageou a santa, cantando na antevéspera. E a santa pensando: “o que eu estou fazendo aqui, em cima desse andor?” Ao chegar ao altar, desfeita a procissão, o reitor da basílica pede “contrição” aos fiéis. Eu e inúmeros católicos ali presentes, sentimos não poder atender ao desejo do vigário. Observa-se que as inúmeras imagens barrocas do templo, pois, além de Nossa Senhora do Carmo, havia também, no altar-mor, Elias e Eliseu, e, nos altares laterais, Santa Terezinha, Santo Antônio e outros, que, sem qualquer apetrecho tecnológico, são capazes de levar os fiéis a esse recolhimento sozinhos. Mas elas são simplesmente ofuscadas pelas parafernálias que despertam os senti-

dos dos fiéis, audição e visão, transformando essa festa religiosa num verdadeiro espetáculo.

É impressionante como a mistura de rituais medievais, como a procissão de entrada e todo o novenário dos carmelitas, imutável há séculos, pode casar com toda essa performance pós-moderna. Os animadores da “novena” – mais adequado seria chamar “*show*” – dispõem de um verdadeiro arsenal de fios e microfones com alto-falantes que possibilitam o total envolvimento dos presentes. Nesse sentido, não diferem muito dos inúmeros pastores pentecostais, que primam pela tecnologia, transmitindo via satélite ou pelas ondas eletromagnéticas, seus cultos prodigiosos, repletos de promessas de cura e milagres – econômicos, sociais e físicos. Saibam os leitores que eu já participei da Renovação Carismática Católica. No entanto, tenho de confessar que estranho, como fiel, que a Festa de Nossa Senhora do Carmo, tão tradicional, com sua novena e cânticos entoados por um coral afinadíssimo – o Coral do Carmo, tenha se rendido à atitude um tanto proselitista de alguns padres que procuram arrebanhar seguidores pela força de cânticos e orações espontâneas e performáticas. A mistura do barroco das imagens e da arquitetura da Basílica do Carmo com essas inovações católicas pós-modernas não caiu bem. Pareceu “forçada de barra”. Antes de deixar de ser arcebispo, Dom José Cardoso Sobrinho contava que um médico já idoso perguntou a ele em que igreja do Recife poderia entrar para simplesmente rezar. Ele espantou-se com a pergunta e disse que todos os templos estavam abertos para isso. Ao que o inquiridor retrucou: “Não consigo entrar em uma igreja para conseguir rezar em silêncio. Há sempre alguém fazendo barulho”.

Exageros à parte e descontento seu tradicionalismo retrógrado, esse fato ilustra a crise de identidade da Igreja local: rendeu-se ao mais fácil, ao espetaculoso, para não perder rebanho. Não sou tradicionalista, mas um pouco de silêncio e cantos gregorianos não fazem mal a ninguém. Ao final da entrada triunfal na basílica, antes de sair, o padre-reitor pediu para que se apagassem as luzes e todos acendessem velas. Talvez numa tentativa de resgatar o sentimento de contrição que havia pedido. Tarde demais. Os católicos estavam embevecidos com as tecnologias e rituais pós-modernos para se concentrarem em velas. Saí da festa 40 minutos após o início da novena, estava surpreso e reflexivo. Como será a feição da Festa do Carmo ano que vem?

E que Nossa Senhora do Carmo nos abençoe!

Olinda, julho de 2010

05

A EPIFANIA POÉTICA DE LENILDE FREITAS

*Viver seu tempo: para o que ir viver
Num deserto literal ou de alpendres;
Em ermos, que não distraiam de viver
A agulha de um só instante, plenamente.*
(João Cabral de Melo Neto, *Bifurcados de “Habitar o Tempo”*)

Epifania poética. Esta foi a melhor definição que encontrei para descrever o mais novo livro de Lenilde Freitas, *A Corça no Campo* (Recife: ed. da autora, 2010), para o qual dedico agora atrasadamente algumas linhas. Mesmo sem qualquer menção à obra clariciana, é palpável nos versos dessa poeta a descoberta do cotidiano e coisas simples, quase banais, que se manifestam aos leitores, por meio dos versos bem elaborados de Lenilde, tal qual uma revelação:

Do lugar em que estou
Vejo a calçada do outro lado
E um cachorro que passa
Triste como quem fareja
A própria morte.
(*Dessemelhanças*, p. 30)

E mais adiante, novamente, o cachorro, eleito pela poeta símbolo do poder encantador/revelador da poesia, como foi a galinha para Lispector:

A meus pés
De um cachorro
Cujos nome desconheço,
Jorra afeto
Há tempo... há tempo...
Diz o pássaro noturno.
E, como a lua,
A noite oferta-me a própria cabeça
Numa bandeja de prata
(*Pássaro noturno*, p. 32)

Na verdade, Lenilde vai demonstrando, ao longo de sua *Corça*, toda uma reflexão profunda, senão entusiasta, pela revelação da palavra que a poesia manifesta a nós, pobres mortais. Não se colocando, ao contrário dos reis magos, como portadora de presentes majestosos, Lenilde lembra mais uma peregrina a olhar para o céu, com olhar de fé e esperança; ou, mais banalmente comparando, uma antena de TV ligada a todas as estações:

A poesia se aproxima
Marca sua presença

Ou esteve sempre aqui
Como sinal de nascença?
(*Momento*, p. 51)

Essa palavra que traz o verso, qual *espada de dois gumes*, como definida por São Paulo em relação ao evangelho, é a que corta e recorta a alma de Lenilde; não a conforta como bálsamo, mas a embaralha e distorce como as armas de guerra fazem aos combalidos:

A palavra
Essa rédea
Me governa.

A palavra
Essa lâmina
Me reparte.
Ai de mim
Que sou tantas
E tão sem arte
é a que
em um chão de sílabas
se prosterna.
Ai de mim
Que sou tantas
A procurar-te
Palavra que não és
E és eterna.
(*A palavra*, p. 52)

Pois qual poeta, realmente poeta, que, aderindo ao encargo dado por Cabral ao ofício de escrever e conseguindo transformar seixos em versos (*A Educação pela Pedra*), não enxergaria também na louca da esquina a poesia mais refinada e sugestiva da vida?

Lá vai a louca da minha rua
Caminhando nas extremidades afiadas
Do mundo.
Anda no escuro
A louca de minha rua.
Nenhum raio de sol tira das trevas
Essa mulher que passa cuspendo a alma
Que sente sair da boca
Cheia de saliva
Na areia da razão cuspo também:
O instante, a aflição e a lucidez de estar viva.
(*Porque é assim*, p. 43)

Sim, amiga Lenilde; a lucidez e aflição de estar viva fazem a poeta enxergar na natureza, qual sua amiga, Débora Brennand, que nos lembra a todo instante nossa finitude e a total liberdade da natureza:

Para melhor compor as madrugadas
Também os galos acordavam cedo.
O vento ao passar pela varanda
Contava à folhagem um segredo.
(*Rio Verde*, p. 89)

Antes ou depois
Da sucessão das flores
Tudo foi escrito
Em letras verdes.
O caminho do início
Era o retorno
E a chamaram de louca
Só por dizer certas coisas.
Coisas assim
– O sol nas sombras
É um fingido morto.
(BRENNAND, Débora. *Poesia Reunida*. Recife: Cepe, 2007, p. 618)

E é por essa observação da natureza que Lenilde consegue enxergar com outros olhos as realidades, oníricas ou não, que a rodeia; pois, afinal, a natureza está em nós. Fazemos parte dela, nos refletimos e a refletimos em nós, mesmo em nosso inconsciente:

Tão inútil o luar neste momento:
Verde algum atinge a folha
Que eu supunha esverdeada.

Choro por mim – que não sou vento.
(*À beira das coisas*, p. 41)

Acumuladas umas sobre as outras
As folhas de outono
Sepultam para sempre este novembro.
(Madison, p. 155)

Nem sempre é rio o que deságua nos sonhos
Mas nas folhas largas do sono minha saudade
Te recolhe.
(Lápide, p. 104)

Falsos pudores ou falta de coragem não a impedem de revelar intimidades, de exprimir os sentimentos; por que não versos confessionais, se bem construídos? Afinal, a dor do poeta é a dor do mundo. E Lenilde Freitas exprime bem isso nos seguintes versos:

Porque o amor nasce à revelia
E atravessa o silêncio dos cristais
Algum risco lá fora vai correr
A vidraça fumarada deste dia

Porque o amor nasce à revelia
Veze sempre, sempre,
Sempre e muito mais,
Coberto de fuligem o tempo para,
Abre bem os olhos para ver
O amor nascer à revelia
Do ontem, do hoje, do agora.
(*À revelia*, p. 119)

De tanto te desmontar
Te reinvento
Com pensamento macio.
Eis-me outra vez
No limiar de tua face.
Por precaução
Conto: um, dois, três.
Eu mesma afio teu esporão.
(*A paixão desmedida*, p. 121)

Dessa forma, também a solidão, o luto, tudo mais é bem definido pela poeta, através de versos que fazem mais próximos da sensação de mortandade que acompanha a todos os viventes.

Nada passou, nada passa
Nem esta ausência dentro de nós.
Cá fora urdimos a farsa
Da anuência em morreremos sós.
(*Da pele para dentro*, p. 95)

Enquanto me adapto a este novo mundo
Igualmente vazio como está o teu
E abafo soluços neste velho gramado
Agora mais fio agora mais breu
Lembro-me que as estações sempre voltam
E que o sol real e eterno não é uma quimera.
Olha: ainda sou todainverno
E renasces primavera.
(*Luto*, p. 100)

Lourival Holanda, prefaciando argutamente essa obra, faz uma referência interessante à maturidade, nascida da sazonalidade laboriosa de Lenilde Freitas. Para ele, a obra da autora é:

Uma poesia *entre o canto e o silêncio*. Sabendo que a poesia é um voto, uma oração, velando deuses que dormem: tudo é um presentir, que nunca nenhuma certeza assegura [...]. No entanto, a lucidez dessa poesia confina com qualquer desespero. Antes, parece uma espera, uma convocação ao possível. É ainda, na bruma dos tempos, a persistência de uma estrela. A poesia de Lenilde é assim uma dicção tão rara quanto preciosa como uma cantata em surdina. (HOLANDA, 2010, p. 22)

Caminhando entre o silêncio e a madureza, entre a observação da natureza e sua revelação (epifania), Lenilde Freitas, nesse mundo pós-moderno, dominado pela fragmentação e individualismo, ensina que a contemplação certamente libertará o homem de ser um mero observador e o levará a emaranhar-se nas selvas do mundo, plantando raízes como os baobás, mas com as mãos bem estendidas aos céus, quais os coqueiros do Nordeste.

Olinda, 17 de janeiro de 2011

REFERÊNCIAS

BRENNAND, Débora. **Poesia Reunida** Org. e prefácio: Lucila Nogueira. Recife: Cepe, 2007.

HOLANDA, Lourival. In: FREITAS, Lenilde. **A Corça no Campo**. Recife: Ed. da autora, 2010.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

LÁPIDE E MUSGO OU A POESIA ESCATOLÓGICA EM HELDER HERIK

O novo livro do jovem poeta Helder Herik, *Sobre a lápide: o musgo* (Garanhuns: ed. do autor, 2010), consegue dar continuidade ao estilo que o autor vinha seguindo, de poemas com temáticas pós-modernas. O autor é natural de Garanhuns. Professor de filosofia e literatura, ele já publicou os livros *Amorte* (2008) e *As plantas crescem latindo* (U-Carboreto, 2009). Como eu havia afirmado em resenha anterior, influenciadas por autores modernistas como Manuel Bandeira, João Cabral e especialmente Augusto dos Anjos, embora ainda permaneçam as características dos versos livres e curtos, Helder Herik toca em temas que são corriqueiros e até banais para todas as pessoas.

Utilizando-se de recursos poéticos que demonstrem a fragilidade humana, o autor chega às raias da escatologia, encontrando motivação lírica no convencionalmente não-poético, como Augusto dos Anjos, conforme podemos aferir nos seguintes versos: *Para que a morte/ dome os ossos-tutanos,/ (que sempre existe um nervo/ de rabo de lagartixa)/ é prudente que cuspa/ a hemorragia, o cancro./ a febre reumática, o pigarro./ Os vermes mais embutidos.* (CERVINSKIS, 2009).

Lendo a obra de Herik, é inegável a influência, embora não citada do poeta Augusto dos Anjos, que nasceu no Engenho Pau d'Arco, Paraíba, no dia 20 de abril de 1884. O literato paraibano aprendeu com seu pai, bacharel, as primeiras letras. Fez o curso secundário no Liceu Paraibano, já sendo dado como

doentio e nervoso por testemunhos da época. De uma família de proprietários de engenhos, assiste, nos primeiros anos do século XX, à decadência da antiga estrutura latifundiária, substituída pelas grandes usinas. Muda-se para o Rio de Janeiro e dedica-se ao magistério. Lecionou geografia na Escola Normal, depois Instituto de Educação, e no Ginásio Nacional, depois Colégio Pedro II, sem conseguir ser efetivado como professor. Seu único livro, *Eu*, foi publicado em 1912. Surgido em momento de transição, pouco antes da virada modernista de 1922, é bem representativo do espírito sincrético que prevalecia na época, parnasiano por alguns aspectos e simbolista por outros. Praticamente ignorado a princípio, quer pelo público, quer pela crítica, esse livro que canta a degenerescência da carne e os limites do humano só alcançou novas edições graças ao empenho de Órris Soares (1884-1964), amigo e biógrafo do autor (ANJOS, 2011). Para aprofundar essa análise, não se pode deixar de citar o famoso poema *Versos Íntimos*, de Augusto dos Anjos, se se quiser traçar um paralelo entre a obra desse autor e Helder Herik, como se vê abaixo:

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!
Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.
Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.
Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!
(ANJOS, 2010)

De fato, essa influência fica muito explícita logo na abertura do livro *Sobre a lápide*, com o poema *Recapeada a infância em grude, imundície*, que eu gostaria de transcrever aqui, logo após citar os mais famosos versos de Augusto dos Anjos, para que se possa fazer uma comparação mais coerente:

Antes o musgo adubava as fuligens
A poeira tornava Saara
Assentando nos móveis
De expulsos que estavam a sala dos móveis na despensa
Saarando
De saber saberia depois:
[...]
O grude escorrendo no corpo lavado
Descer a infância pelo ralo
Assim: eu inventava uma lendazinha
De anotar mesmo no vidro no vapor do banho
O dedo escrevendo
Cutucutu a zoadinha do dedo vibrando
Inventava que musgo se virava musgo do grude
Que descia lavado
(HERIK, 2010, p. 15)

Ora, se a matéria principal de Augusto dos Anjos foi a secreção, substância mais nojenta e repugnante do corpo humano, que esse autor consegue transfigurar em versos fortes, o musgo, o lodo, ou seja, a imundície da natureza é que se alia ao homem para apresentar esse verdadeiro espetáculo escatológico-literário que é *Sobre a lápide: o musgo*. Ao colocar, logo no título, dois objetos ou seres que representam coisas aversivas a qualquer cidadão de bem, o musgo (sujeira) e a lápide (morte), Helder tira a força negativa dessas palavras para trabalhar nelas, se não a beleza, pelo menos, a aceitação, a naturalidade, a confirmação de que o ser humano, além de limitado, tem também necessidades

imediatas, mesmo que pouco confessadas, por razões de pudor ou religiosidade até, conforme a própria declaração do autor em sua apresentação:

Nesse terceiro livro, houve a fusão dos dois anteriores. “Lápide” lembrando *Amorte* e “Musgo” lembrando *As Plantas Crescem Latindo*. Sob um e outro, as várias dicções. As minhas falas de poesia. Acontecem como se fosse uma caçada. A caça não virá até nós pelo simples desejo de que venha. É preciso pegá-la. Podemos pegar com a mão, mas ela escorrega. Podemos pegar com uma rede, mas ela é pequena e escapa. Vem o desespero de dar logo um tiro, mas ela é rápida, foge. Acredito que com a poesia é a mesma coisa. Por que haveria eu de ter apenas uma linguagem? Por que caçaria apenas com a mão, a rede ou o tiro? Caçar também se caça com assobio, estalar de dedos, piscar de olhos... (HERIK, 2010, apresentação).

Mas a diferença principal que traço entre essa obra e as anteriores é o aprofundamento da escatologia, isto é, das necessidades mais básicas do ser humano e dos animais, que Herik consegue com maestria transformar em poesia:

O porco chupava a lavagem
Farelos cascas
Pão crioulo tomate
Arroz feijão farinha...
[...]
O calango aprovava
A cabeça de dinossauro balançando
Aprovando a sujiimundície
(HERIK, 2010, p. 24).

Dáí invejadamente vinha o porco
O focinho de tomada abrindo caminho
Espantando bichos de bico
Medo de tomar choque que tinham
(HERIK, 2010, p. 22).

Lavava os gogos
Que então costuravam a terra amolecida
Bichos de coser que eram
Caçando
A galinha ciscava o rego uma feiúra aspernas de ciscar
ciscando
(HERIK, 2010, p. 2).

Existiria necessidade mais comum ao ser humano do que a de defecar?
Mas poder-se-ia encontrar, então, nessa atividade banal a poesia? Helder mostra que sim, através dos seguintes versos:

Banco para depósito
O Vaso Sanitário
O papel higiênico
Pra conferir
(o extrato)
Tatua-se
De cima para
Baixo
A branca louça
Tibunga o tolete
Na água
(o submarino)
Depois de fechada
A escotilha
Manda-se de tudo
Água abaixo
Pelo cano
(*yelloowsubmarine*)
(HERIK, 2010).

Chama-se a atenção, nesses versos, ao tratamento humorístico dado às fezes duras (*yellowsubmarine*), inclusive dito em inglês, para ficar mais chique. E, também, que, de todos os utensílios do banheiro, somente o Vaso Sanitário mereceu ser escrito em letras maiúsculas, como que para afirmar sua condição primordial para a existência desse cômodo das casas. Assim, as coisas para Herik tomam vida; fazem todas as ações de uma pessoa normal, merecendo o maior respeito como qualquer outro ser humano:

Cansada a planta suava
Curvava e suava
Dizia que a seiva era o suor
Que então eu olhava direito
O olho bem apertado de mirar
Olhava clínico
Oftalmológico
[...]
O sangue amarelava tinha hora
– amarelão
A gente da mesma cor
Do corpo ser
E por baixo do couro o sangue amarelando
(HERIK, 2010, p. 20).

O fogão, a geladeira, o armário e o próprio palito de fósforo, objetos tão simples, chamam a atenção do poeta por provocarem nele estados de pura contemplação da realidade que o cerca, a beleza e muitos outros estados se revelando no cotidiano:

Muita fome
As bocas abertas
De pouca fala (as bocas)

Só escapando o gás
Elas chamam
Grávido
(HERIK, 2010, p. 30).

Porta mais precisa
Adquiriu a geladeira
A de abrir
E guardar
Não da que de fora
Se entra
(e tranca)
Das portas de fechar
Fechadas sem trinco
(HERIK, 2010, p. 31).

Entre as mansas colheres
A faca-peixeira
Mais perigoso o facão
Formado bandido
Investigando
O perito encontrará
Provas de crimes:
Corte mutilação assassinato
Provas de crimes
(já engavetados)
(HERIK, 2010, p. 32).

O Fósforo igual ao gênio:
A força da cabeça

Expelida (iluminada)
Sob tensão
(pavio curto que é)
Logo esquenta
Perdendo a cabeça
Explodindo
(HERIK, 2010, p. 33).

Corajoso, contemporâneo, original, embora não negando influências. Seguindo a esteira do grupo Urros Masculinos, Dremelgas ou mesmo o Nós-pós, Herik se apresenta para seus leitores nesse seu mais recente livro, inserindo-se completamente no novo cenário anárquico, despojado, antiacadêmico e informal da atual literatura pernambucana.

Sobre a lápide: o musgo é obra para ser lida sem frescuras, com abertura de mente; dessas que a gente leva ao banheiro para as necessidades básicas e inadiáveis, como é a poesia.

Olinda, 19 de janeiro de 2011

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. In: NOGUEIRA Jr., Arnaldo. **Projeto Releituras**: Augusto dos Anjos. Sítio na internet. Disponível em: < http://www.releituras.com/aanjos_versos.asp>. Acesso em: 15 out. 2013.

CERVINSKIS, André. **Sobre o que aprendi com as plantas, amorte e a avó de Helder Herik**. Disponível em: <www.escritoresetal.com.br/.../sobre-o-que-aprendi-com-as-plantas-amorte-e-a-avo-de-helder-herik/>. Acesso em: 19 jan. 2011.

HERIK, Helder. **Sobre a lápide: o musgo**. Garanhuns: ed. do autor, 2010.

IRREVERÊNCIA POÉTICA NA MORFOSSINTAXE DE MANUEL BANDEIRA

Espinhara Filho (2004), em seu capítulo *Um diálogo de 22 anos*, destaca a *descoberta e revelação do Brasil* feita pelos modernistas, discorrendo sobre a discussão da *língua nacional* na obra de Manuel Bandeira. Nesse assunto, assim introduz:

Um dos assuntos mais frequentes era o *abrasileiramento* da linguagem. O que era compreensível, pois o país vinha de uma sujeição quase absoluta ao lusitanismo, ao menos em literatura, e uma das propostas do modernismo – sobretudo de Mário de Andrade – era exatamente escrever *brasileiramente*. A discussão não se limitava ao nível das palavras ou das expressões, levando em consideração a sensibilidade própria da gente brasileira e suas variadas regiões. Variedade que desaguava num todo chamado Brasil, nação que os modernistas estavam tentando descobrir e revelar ao mundo. Esta atenção às manifestações culturais do povo era um dever do intelectual. (ESPINHARA FILHO, 2004, p. 171).

Discorrendo sobre se há ou não uma língua brasileira, Eni Orlandi (2002) considera que, não obstante a opressão colonialista, sobretudo linguística, a fala do brasileiro (ela afirma que há uma *fala* diferente, embora dentro da mesma *língua portuguesa*) se sobrepôs ao modo de dizer do colonizador, à sua “discursividade” graças à assimilação de outras culturas, notadamente a africana e a indígena:

Desde o princípio da colonização, instala-se um acontecimento linguístico de grande importância no Brasil: o que constitui a língua brasileira. Ao mesmo tempo em que aqui desembarca, a língua portuguesa, ao deslocar-se de Portugal para o país nascente – o Brasil, institui um movimento de memória, deslocamentos linguísticos por meio dos quais outra língua – a brasileira – faz-se presente. O novo espaço de comunicação resiste com sua materialidade à língua que chega com os portugueses em sua memória já falada, já dita. Desdobram-se, transmudam-se os modos de dizer. A relação palavra-coisa faz ruído, relação não coincidente entre si e nem perfeitamente ajustada. Outras formas vão estabelecer-se fazendo intervir, e ao mesmo tempo, constituindo, a memória local. [...] *a língua praticada nesse outro regime enunciativo realiza, deste lado do Atlântico, a relação unidade/variedade: a unidade já não se refere ao português do Brasil ou ao de Portugal, mas à unidade e às variedades existentes no Brasil. [...] a variação não tem como referência Portugal, mas a diversidade concreta produzida no Brasil, na convivência de povos de línguas diferentes (línguas indígenas, africanas, de imigração etc.). Nessa perspectiva, então, falamos decididamente a língua brasileira, pois é isto que atesta a materialidade **linguístico-histórica**. Se, empiricamente, podemos dizer que as diferenças são algumas, de sotaque, de contornos sintáticos, de uma lista lexical, no entanto, do ponto de vista discursivo, no modo como a língua se historiciza, as diferenças são incomensuráveis: falamos diferente, produzimos diferentes discursividades.*(ORLANDI, 2001, p. 12, grifo do autor).

Concordando com Orlandi, Bandeira defende que haja uma *língua brasileira*, a *língua portuguesa como literária e artística*, como nos relata o poeta em prefácio às *Cartas a Manuel Bandeira*, de Mário de Andrade:

Outra coisa que vemos largamente nesta correspondência é o caso da língua. *Sempre fui partidário do abrasilamento do nosso português literário*, de sorte que aceitava em princípio a iniciativa de Mário. Mas discordava dele profundamente na sua sistematização, que me parecia indiscretamente pessoal, resultando numa construção cerebrina, que não era língua de ninguém. Eu não podia compreender como alguém, cujo fito

principal era “funcionar socialmente dentro de uma nacionalidade”, se deixava levar, por espírito de sistema, a escrever numa linguagem artificialíssima, que repugnava a quase totalidade de seus patrícios. Mário, que se prezava de psicólogo, escrevia-me, para justificar-se de seus exageros, que era preciso forçar a nota: “exigir muito dos homens pra que eles cedam um poucadinho”. O reformador não se limitava a aproveitar-se do tesouro das dicções populares, algumas tão saborosas como esse “poucadinho”, nascido por contaminação de “pouco” e “bocado”. Ia abusivamente além procedendo por “dedução lógica, filosófica e psicológica”. (ANDRADE; BANDEIRA, 1966, p. 53).

Essa formação erudita misturada ao popular fez Manuel Bandeira um observador atento da língua portuguesa e questionador frequente das regras gramaticais, que sempre engessaram, por assim dizer, o português do Brasil. Assim, em seu mais conhecido poema (*Evocação do Recife*), o autor vai afirmar implicitamente que se deve procurar uma *sintaxe* própria do Brasil, ao afirmar:

[...]
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros.
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusiada.
[...] (BANDEIRA, 1993, p. 133).

Vale salientar que, ao usar o pronome nós, Bandeira está se referindo aos escritores, aos acadêmicos aos “letrados”, que aprenderam corretamente na escola a pronunciar bem as palavras (“problema” ao invés de “probrema”, por exemplo), mas que, por vezes, esquecem esse ‘jeito gostoso’ de falar “errado” do brasileiro, repleto de diminutivos (numa intenção de afetividade), e da preferência de ser menos formal (você ao invés de tu). Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2009), coloca uma nota de rodapé, explicando que a

forma verbal *mobilar* não foi aceita por Bandeira, que só aparece nas gramáticas “por imitação poética”:

Este lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à minha revelia; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre “mobiado.” (BECHARA, 2009, p. 239).

Essa *irreverência poética* na sintaxe portuguesa, que compõe o título a este artigo, expressa-se através de diversos poemas em Bandeira. Assim, em *Neologismo*, poema do livro *Belo Belo*, o autor brinca com a seriedade dos termos “dicionarescos”, ao inventar o verbo teadorar (junção do pronome oblíquo *te* com o verbo *adorar*):

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
inventei, por exemplo, o verbo teadorar
intransitivo: *Teodoro, Teodora*.
(BANDEIRA, 1993, p. 199-200, grifo nosso).

Com isso, não se pretende afirmar que Bandeira não conhecesse e respeitasse a norma culta e inclusive a forma clássica da estética literária. Prova disso é que vários de seus poemas são em forma de soneto, num profundo respeito pela gramática. Isso, no entanto, não o impediu de questionar até mesmo os conceitos de alguns elementos da morfossintaxe, como, por exemplo, os substantivos e os adjetivos.

Ao abordar substantivo, Maria Helena Moura Neves (2002) torna essa discussão no mínimo instigante, ao definir o conceito a partir da natureza da classe. Diz que são usados para referir-se às diferentes entidades (coisas, pessoas, fatos), denominando-as. Aborda a natureza dos comuns e próprios; função sintática; primitivos e derivados; simples e compostos; papel semântico; estrutural argumental, ou seja, definições ligadas mais ao uso da língua.

Nesse sentido, a autora não simplesmente conceitua, com breves exemplos, como a maioria dos gramáticos, mas também aprofunda, citando diferentes casos. Interessante notar os inúmeros exemplos, citados de fontes primárias (entrevistas, revistas, livros etc.) inéditos que a pesquisadora pessoalmente compendiou, através de siglas (ex.: VEJ = REVISTA VEJA). A autora também inova, ao discutir, no tópico *A estrutura argumental dos nomes*, a noção de valência. Segundo Moura Neves, “dentro da estrutura do predicado de uma oração, o sintagma nominal é um termo, mas o nome, sendo de determinada natureza, pode constituir o núcleo de um predicado, selecionando argumentos. É o que ocorre com nomes valenciais, que definem, do mesmo modo que o verbo, estrutura argumental e regência.” (NEVES, 2000, p. 90). E exemplifica os diferentes tipos de valências (1, 2 e 3), ligados aos argumentos expressos e não expressos e aos complementos ligados ao substantivo.

Evanildo Bechara é mais abrangente para com essa classe. Para ele, substantivo é “lexema” e se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos* substantivos. Mas destaca o tratamento de casos “gramaticais”, como plural dos substantivos.

Logo, se em Moura Neves encontramos situações (a condição extraída desde uma estrutura realizada por um falante) a partir do uso pelos falantes, em Bechara, a situação se dá de forma contrária: “uma possível (ou até real) realização do falante incorporada à norma disponível ao falante para que ela possa realizá-la” (BECHARA, 2000, p. 12).

Bechara e Moura Neves também trazem contribuições teóricas importantes, como os papéis semânticos dos substantivos comuns (NEVES, 2000) e noções de substantivos contáveis e não-contáveis, que alguns gramáticos afirmam não haver em língua portuguesa, mas que ambos classificam, com ligeiras diferenças:

A gramática tradicional não se mostra sensível à diferença entre as subcategorias *contável e não-contável dos substantivos*. Entretanto, são várias as propriedades que distinguem essas duas categorias: a) Os *substantivos contáveis* se referem a grandezas discretas, descontínuas e heterogêneas, suscetíveis de contagem e, portanto, de pluralização. Trata-se de referência a elementos individualizados de um conjunto passível de divisão em con-

juntos unitários. b) Os *substantivos não-contáveis* referem-se a grandezas contínuas, descrevendo entidades não-suscetíveis de numeração. Trata-se de referência a uma substância homogênea, que não pode ser dividida em indivíduos, mas apenas em massas menores, e que pode ser expandida indefinidamente, sem que sejam afetadas suas propriedades cognitivas e categoriais. (NEVES, 2000, p. 82).

Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: homem, mulher, casa, livro, etc. No segundo caso, refere-se a classe e objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: oceano, vinho, bondade, beleza. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular. À categoria dos não-contáveis, pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario*. Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*. (BECHARA, 2009, p. 114-115).

Assim como na abordagem sobre substantivo, ao tratar de adjetivo, Moura Neves fala em definir a natureza da classe, usada para atribuir uma propriedade singular a uma categoria denominada por um substantivo. Do geral, discorrer aos casos particulares. As definições, em ambos os gramáticos, não são iguais. É a mesma língua, a mesma classe de palavra, mas não pontos de vista (perspectivas) iguais. Afirma que os adjetivos são qualificadores, abrangendo a noção de espaço, intensificação, atenuação. Para ela, os adjetivos podem ser *qualificadores* ou *quantificadores*, indicando

para o substantivo que o acompanha, uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que o definem. Diz-se que esses adjetivos qualificam o substantivo, o que pode

implicar uma característica mais ou menos subjetiva, mas sempre revestida de um certo vazio. Essa atribuição de uma propriedade constitui processo de predicação e, por isso, esses adjetivos podem ser considerados tipos predicativos. (NEVES, 2000, p. 184-185).

Assim, o poeta, além de exercer sua liberdade poética, que o permitiria subverter simplesmente sem explicação a noção de substantivo, prefere colocar explicitamente sua intenção, para mostrar como as regras gramaticais são encaradas diferentemente de acordo com o contexto histórico e que as variações devem ser respeitadas.

Nessa mesma intenção, no poema *Passeio em São Paulo*, Bandeira vai novamente questionar as normativas gramaticais; dessa vez, em relação à ortografia dos adjetivos substantivados, ao dizer que aceita a variação “beckeriana” ao invés da palavra aportuguesada “becqueriana”.

Settembre. *Andiamo*. É tempo de migrare.
A rainha em São Paulo, chama-me,
É agora Maria Cacilda Stuart
E fala com sotaque voluntarioso
Não paulista nem catarinense:
Acento *beckeriano* (com ck, não cqu),
que suscita infartos de alma
Tão imperativos quanto os de miocárdio. [...]
(BANDEIRA, 1993, p. 237, grifo nosso).

Trazendo para seu poema expressões tipicamente italianas, Bandeira também vai de encontro ao “purismo” dos gramáticos que, em sua maioria, não admitem estrangeirismos na língua pátria, desconhecendo a influência tantas vezes profícua, mas de qualquer modo inegável, dos imigrantes outros europeus no país, ajudando a abrasileirar a língua portuguesa. Mas isso é assunto para outro artigo.

O que se procura mostrar aqui, brevemente, e sem intenção de esgotar o assunto, é o uso criativo, crítico e peculiar que Manuel Bandeira dava aos diferentes elementos morfossintáticos, como os substantivos e adjetivos. Isso tudo graças à sua convivência e aprendizado respeitoso com o linguajar simples do povo brasileiro (tanto do Rio de Janeiro quanto de Pernambuco).

Com isso, embasado em Maria Helena Moura Neves (2000) e Evanildo Bechara (2009), destacamos o papel da literatura, da poesia em particular, que nos ajuda a libertarmo-nos das amarras da linguagem que prendem às regras estáticas e, muitas vezes, impedem de se perceber, em variações linguísticas, a riqueza cultural e sintática que se agrega à língua pátria.

Olinda, novembro de 2011

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 34. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ESPINHARA FILHO, Ruy . *Forma & alumbramento*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2004.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2001.

AS SERPENTES

O objeto comunicação tem sido estudado por diversas disciplinas, da sociologia crítica à psicologia social. O papel da cultura, enquanto objeto de consumo das camadas populares (massas), porém, mereceu especial atenção por parte dos teóricos da Escola de Frankfurt. Desenvolvida nas décadas de 1930 e 1940, esta escola foi diretamente influenciada pelo trauma do nazismo, que usou dos meios de comunicação da época (cinema e rádio, especialmente) para propagar e seduzir multidões aos ideais nazifascistas.

Nesse sentido, tentando compreender os vieses ideológicos que funcionaram para disseminar conceitos políticos, alguns pesquisadores alemães, oriundos, em sua maioria, das ciências sociais, voltaram-se para a interseção comunicação-cultura, principalmente no que diz respeito à análise da recepção das massas.

Porém, o pensamento desses intelectuais não era homogêneo. Uns eram mais esperançosos quanto à difusão e democratização da cultura, graças aos meios de comunicação; outros tinham uma percepção menos entusiasmada desse processo. Adorno e Horkheimer, principais teóricos da corrente chamada “apocalíptica” por Umberto Eco, na década de 1980, viam a difusão dos bens culturais pela mídia (como ópera e concertos pelo rádio; filmes adaptados de livros etc.) como degradantes da “alta cultura”, conservada pelas elites. Tais artes, se não presenciais, mas desfrutadas a distância, poderiam perder, em sua opinião, sua natureza artística, transformando-se em simples objetos de consumo midiático.

Walter Benjamin, autor mais independente que os anteriores, não se exilando, como os demais, da Europa, por conta do nazifascismo, desenvolveu o conceito de “aura” dos objetos artísticos. Embora reconhecesse que uma paisagem, se apresentada por fotografia e não ao vivo, perdesse sua **sacralidade**, não chegava a ter uma visão pessimista dos meios de comunicação de massa (MCM). Para ele, a recepção do objeto artístico, mediado pelo rádio ou cinema, por exemplo, poderia se transformar em acessibilidade de consumo dos bens culturais, democratizando o acesso a muitas pessoas que não poderiam pagar um concerto de ópera (rádio) ou viajar para apreciar uma paisagem (fotografia). Munido de intensa sensibilidade, Benjamin escreveu o artigo *A obra de arte na Era da Reprodutibilidade Técnica*, explorando, ensaisticamente, a relação entre produção e obra de arte. Esse texto, mal compreendido à época, chamado por seus colegas de *artificial, pouco crítico*, foi redescoberto, décadas depois, por algumas escolas de comunicação, como a dos Estudos Culturais.

Nascido na Inglaterra, na década de 1960, e tendo como fundadores Williams, Thompson, Hogarte Hall, a Escola de Birmingham iria retomar o consumo da cultura pelas camadas populares, através de programas de rádio, TV e jornais. Reconhecendo que a ideologia não está determinada somente pela infraestrutura, os intelectuais de Birmingham vão resgatar, em bases marxistas, a relação entre comunicação e consumo da cultura. Levando em conta, porém, as influências étnicas, na definição das identidades, esses autores valorizarão os elementos de interdisciplinaridade e multiculturalismo nas análises de recepção.

Desenvolvido na mesma época em que o estruturalismo dominava a Europa, tendo como expoente Roland Barthes, Foucault e Morin, os estudos culturais encontrarão, nos Estados Unidos e América Latina, campos de forte atuação, principalmente nas décadas de 1970 e 1980.

Diferentemente dos intelectuais ingleses da primeira geração, que conviveram com a influente atuação do Estado na cultura, analisando o impacto das políticas culturais para as camadas populares, os estudiosos norte-americanos vão receber influência da *communication research* e se voltar para a relação entre grandes empresas de comunicação e o consumo cultural. A migração de muitos pesquisadores, formados sob a égide de Birmingham, da

Inglaterra para os EUA certamente se deu graças às oportunidades de trabalho dos recém-criados “departamentos de estudos latinos”, nas diferentes universidades norte-americanas, em franca expansão a partir da década de 1980.

Os estudos culturais na América Latina, porém, ao reconhecer a influência europeia em sua formação intelectual, revalorizaram as discussões da Escola de Frankfurt acerca do consumo cultural, especialmente a partir da perspectiva crítica de Benjamin. Autores como Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini desenvolveram análises das relações de comunicação e culturas populares, desenvolvendo os conceitos de hibridização e mediações culturais. Este último conceito voltou-se especificamente para o estudo da globalização no campo cultural, analisando, por exemplo, a influência dos grandes conglomerados de cinema na recepção do audiovisual mexicano; as mudanças das culturas populares nas grandes cidades (do rural comunitário ao urbano individualista) através do livro *Consumidores e Cidadão* (CANCLINI, 1997). Esse autor também se voltou para a mudança nas concepções de artesanato, no contexto da globalização, através do livro *Culturas Híbridas* (1998).

Não podemos deixar de citar, porém, a contribuição de um intelectual brasileiro, Renato Ortiz, que refletiu sobre os processos de globalização desencadeados na América Latina, por ele denominado de *mundialização*. Esse conceito, segundo o autor, seria mais abrangente que o anterior por especificar o intercâmbio cultural e não somente o econômico na época contemporânea.

Tais autores citam explícita ou implicitamente textos de Benjamin, como é o caso de Martín-Barbero, num dos capítulos de seu livro *Dos meios às mediações*, prestando uma justa reverência e atualizando os conceitos benjaminianos à luz dos estudos culturais.

Pessimistas ou esperançosos, os intelectuais de Frankfurt tornaram-se referência obrigatória para os estudos culturais e de recepção, no que diz respeito às relações de consumo e cultura nas camadas populares.

Recife, 2009

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. *Teoria da Cultura de massa*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

Muitas são as abordagens sobre recentes fenômenos de literatura, identidades e gêneros na contemporaneidade. Quero me deter neste ensaio sobre algumas, em especial as que chamam minha atenção: literatura e sociedade; os Estudos Culturais ou pós-modernismos; as literaturas de minorias (marginal ou periférica, de gênero ou étnica); e os feminismos, inclusive o chamado *pós-feminismo*.

Antes, porém, três esclarecimentos se fazem necessários: 1. Como são temas intrincados, um pode conter referências aos demais; 2. Muito do que direi aqui reflete minha interpretação pessoal de diferentes bibliografias que li e algumas concessões que meu olhar de crítico me permite; 3. Não pretendo esgotar os assuntos nem trazer conclusões, mas despertar debates profícuos.

A primeira abordagem tem em Antonio Candido seu maior expoente. Para esse autor, a literatura funcionaria como “sistema”; isto é, a contextualização histórica e o acúmulo de resíduos culturais impregnariam a literatura de uma “cor local”, ou seja, com peculiaridades muito próprias.

Diferentemente dos demais países latino-americanos, o Brasil teve na miscigenação o germen fundador de sua cultura. Não obstante o apagamento que a elite brasileira tentou infligir às culturas indígena e africana (escravos), estas continuaram a impregnar-se na forma brasileira de ser, de sentir e expressar o mundo. Na verdade, para Candido, essa miscigenação tem um caráter eminentemente positivo, de diversidade, o que conferiria uma riqueza sem igual no mundo.

A literatura, nesse sentido, seria reflexo da sociedade que representa. Em seu artigo *Crítica e Sociologia*, de seu livro *Literatura e Sociedade* (1985), atenta para o exemplo da personagem Aurélia, do romance *Senhora*, de José de Alencar. Esse romance, de meados do Séc. XIX, aborda o protótipo da elite emergente, já não burguesa, mas ainda com ranços da cultura dos coronéis do café com leite. Nessa cultura ainda híbrida, Alencar critica a instituição do matrimônio. Ao fazer com que a personagem Aurélia vingue-se de seu antigo desafeto, tornando-se rica e negociando o casamento com seu antigo amor, como que para testar seu caráter, Alencar desnuda todos os interesses sociais e financeiros que a sociedade devotava a esse sacramento ou contrato jurídico. Nesse sentido, fugindo do típico romance folhetinesco romântico, Alencar inova, formulando uma crítica inteligente, embora, ao final, ceda aos apelos desse movimento e dê um final feliz à história, com direito a beijos e choros de reconciliação, casamento e final feliz.

Outros exemplos dessa vertente são os ensaios de Flora Süssekind e Roberto Schwarz. A primeira explora os resquícios do romantismo no naturalismo, mostrando como o caráter de afetividade brasileira não permitiu uma abordagem tão positivista ou científica do naturalismo, tal qual a Europa (*Tal Brasil, Qual Romance?*).

O segundo, no livro *Duas meninas*, explora, paralelamente, as personagens femininas Capitu (*Dom Casmurro*) e Helena Morley (*Minha vida de menina*), na verdade, um romance em forma de diálogo. Essa última, chamada por Schwarz de “Outra Capitu”, representa a decadência da já citada “política do café com leite”. Ambientado na década de 1920, o romance apresenta Helena como autora de um diário em que registra toda a decadência dos valores patriarcais dessa época, inclusive revelando opiniões e criticando posturas de parentes. Provinda de uma família pobre, dependia de outra abastada, para a qual arrendara terras. No intuito de se elevarem socialmente, a mãe promete Helena em casamento ao filho do fazendeiro, decisão arbitrária questionada pela personagem, atitude incomum para a sociedade de então, em que as mulheres eram submissas primeiramente aos pais e depois aos maridos. Critica inclusive a própria tia, solteirona convicta, que apoia a atitude da irmã, tentando dissuadir Helena de sua “insubordinação”. Nesse sentido, Helena sur-

preende, ao desenvolver uma postura independente, contrária à de suas tias, dependentes dos homens, submissas e recolhidas ao lar.

Capitu, principal personagem analisada no romance, é o exemplo mais contundente da crítica à postura da mulher no final do Século XIX, feita por Machado de Assis, que faz de sua personagem uma figura forte e segura. Senhora de seu destino, protagonista de suas ações, desafia seu tempo, antecipando-se ao pedido de casamento de Bentinho, o que contrariou as expectativas da mãe dele, que o queria ver padre. Durante o casamento, demonstra claramente suas opiniões, inclusive políticas, atitude feminina incomum à época; quiçá vai além, traindo Bentinho com seu melhor amigo, Escobar, Schwarz acredita nessa interpretação, ao qual prefiro me resguardar de julgamentos, ao ponto de Bentinho enxergar nos olhos do filho semelhanças aos de seu falecido amigo.

Pode-se concluir, certamente, que esses ensaios reforçam as posturas críticas já desenvolvidas por Schwarz, no capítulo *As ideias fora do lugar* do livro *Ao vencedor as batatas* (1981), ensaio muito comentado e mal compreendido, que se formou em torno da tese de que as ideias estrangeiras, as mais modernas de então, estavam, ou não, fora do lugar. Neste caso, apenas para dar um exemplo dessa confusão, o liberalismo, apesar da escravidão, foi eficaz por estabelecer certos compromissos de classe e por rearranjar a política do Segundo Reinado, promovendo alterações no período. Além do mais, diria um historiador, não existe o liberalismo *ad naturam*, pois as ideologias se fazem valer em realidades históricas específicas. Em resumo, como afirma Fernandes (1998):

A tese estaria mal posta, uma vez que as ideias estrangeiras possuíam função efetiva na terrinha e, portanto, não estavam fora do lugar, ou ainda, (as ideias) não possuem lugar fixo em parte alguma. Nestes exemplos, a discussão que os comentadores travam com o ensaio, corre numa raia descalibrada. Porém, se lida com atenção a sua escrita difícil, o que o texto diz é incisivo: “o antagonismo [entre ideias modernas e estruturas arcaicas] produziu uma coexistência estabilizada – que interessa estudar. Adotadas as ideias e razões europeias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente ‘objetiva’, para

o momento de arbítrio que é da natureza do favor.” O que vai escrito é a análise de um movimento histórico que recebe, altera e aplica as bases sobre as quais as relações sociais se estabelecem, ou seja, o que o crítico analisa é uma função da ideologia: ocultar as consequências objetivas de situações alteradas. Cabe então indagar, de onde vem o mal-entendido de sua tese. Creio que se pode afirmar que seus comentadores, entre o título dialético e a prosa refinada, decidiram analisar o primeiro – na verdade um primor do pensamento conservador. Ficou dito então, em poucas linhas, da dificuldade de se compreender a prosa e o método (ambos dialéticos) de Schwarz. (FERNANDES, 1998, p. 207).

A segunda abordagem, bastante em voga na Academia ultimamente, é a dos Estudos Culturais. Antes de abordá-la, porém, devemos refletir brevemente sobre o pós-modernismo, movimento do qual proveio essa corrente teórica interdisciplinar. Na verdade, o pós-modernismo seria um reflexo de um conceito mais abrangente, o da pós-modernidade. Este, sim, denotaria o momento de fragmentação do homem contemporâneo, individualista e dividido ideologicamente. Simulacros e hiper-realidades, ensejados pelo advento das novas tecnologias, proporcionariam isso.

Alguns afirmam que a pós-modernidade começou em 1930 com o *Nouveau Roman* francês; outros situam seu advento entre as décadas de 1950 e 1960, com a disseminação dos meios de comunicação social e, ultimamente, a internet. Tais experiências seriam responsáveis pelo deslocamento dos sujeitos do tempo e lugar em que acreditavam estar inseridos. Nesse sentido, a desierarquização dos valores, a desistorização dos sujeitos e a desreferencialização dos territórios em que estes trafegam denotariam a realidade do ser angustiado, confuso e ao mesmo tempo mais autônomo dos séculos XX e XXI.

A emergência da internet, com suas redes sociais e rápido fluxo de informações, só fez exacerbar esse estado de ânimo. Assim, o Novo Romance francês, a literatura “*best-seller*” e de autoajuda seriam exemplos palpáveis da produção e recepção literária de algumas camadas contemporâneas – na verdade, a maior parte delas. Nesse sentido, não existiriam mais as grandes narrativas; os romances passam a contar com a participação ativa do leitor – alguns decretaram até a “morte do autor”; não haveria mais autoria exclusiva, mas

toda uma concepção coletiva do processo criador, com a *creative commons* e *copyleft*. Um livro, seja de conto ou poesia, por exemplo, pode ser perfeitamente escrito hoje em dia através de *blogs*, *sites* ou Facebook, nessa lógica de criação compartilhada.

Na esteira desse panorama, surgem os Estudos Culturais. Nascendo em Birmingham (Inglaterra), em 1960, com Williams e Thompson, voltaram-se primeiramente para a interpretação da emergente cultura midiática proletária, através de estudos de recepção. Após isso, mais recentemente, passam a tratar de questões como processos identitários e diaspóricos (Stuart Hall) e desterritorialização do sujeito (Bhabha), além de cultura global ou mundialização (Renato Ortiz). Os chamados “estudos pós-coloniais”, resultado das análises dos impactos da cultura do colonizador nas ex-colônias britânicas pós-independência (Antilhas, Ásia e África) foram adaptados para a América Latina por autores como Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini. O primeiro estudou a recepção de filmes e programas de TV no México e desenvolveu o conceito de “mediações culturais”, muito usado, às vezes, sem a parcimônia necessária, em áreas como Comunicação e Antropologia. Segundo esse autor, no meio das camadas populares, certos líderes e formadores de opinião seriam instrumentos de interseção entre cultura erudita e popular, através dos meios de comunicação. Assim, conclui que os melodramas mexicanos, por exemplo, são heranças da cultura circense impregnada nos países latinos. Canclini desenvolveu, por sua vez, os conceitos de *hibridação cultural*, estudando como concepções globais – europeizadas e principalmente americanizadas – interferiam na produção da cultura dos países latino-americanos. Tomando emprestado da Biologia, Canclini explicita como a miscigenação de culturas colonizador-colonizado resulta em produtos singulares, por vezes completamente diferentes de suas fontes. Renato Ortiz, por sua vez, tem o mérito de ser um brasileiro que enfatizou a influência da globalização na área cultural, à qual chamou de *mundialização* (MATTELARD; NEVEU, 2004).

Todos esses autores, incluindo algumas omissões – Spivak, Said e Žižek – são usados atualmente para interpretar fenômenos de consumo cultural, inclusive literários, em sua maioria, através dos meios de comunicação.

A terceira abordagem, que, *lato sensu*, estaria incluída nos Estudos Culturais pós-modernos, é a chamada “literatura de periferia” ou marginal. Na

verdade, por vezes escamoteada, por vezes aclamada dentro da Universidade, vem despertando, cada vez mais, interesse na produção acadêmica de dissertações e teses, talvez devido ao seu forte apelo social. Reivindica uma estética e conteúdos próprios, sejam étnicos (afrodescendentes) ou sociais (desfavorecidos). Refere-se, especialmente, aos movimentos do Recife e São Paulo, embora haja manifestações em outros locais. Na periferia da capital paulista – Capão Redondo, uma das comunidades mais estigmatizadas –, surgem movimentos articulados de escritores que desejam publicar para serem ouvidos por meio de suas obras, não obstante estarem excluídos do mercado editorial oficial ou dos circuitos intelectuais mais elitistas: as academias. Estando, nessa condição, fora do circuito tradicional literário, tais escritores representam uma tomada de posição, uma voz que clama nos meios das adversidades causadas pela exclusão social. Refletem sua própria condição subalterna e consequente estilo literário peculiar, mais informal, valorizando o coloquial e situações quotidianas das comunidades – as favelas. Para citar alguns exemplos, Ferréz foi líder dessa agitação cultural em São Paulo. Através de rodas de leitura e saraus, aglutinou escritores, inclusive de outros bairros, o que gerou toda uma movimentação cultural paralela em bares e escolas da periferia de São Paulo. Com dificuldades e determinação, hoje possui selo próprio para lançar livros e grifes de roupas e outros acessórios, uma das fontes de sustentabilidade do movimento. Conforme relata Nascimento (2009), isso resulta em todo resgate da autoestima de comunidades inteiras, além da democratização cultural na literatura.

Vale ressaltar aqui que Heloísa Buarque de Holanda, em seu excelente livro *Impressões de Viagem* (2004), catalogara anteriormente toda uma geração de escritores tidos como marginais (Ana Cristina César, Chacal, Mário Faustino, entre outros), só que num outro contexto, o da Ditadura Militar, pagando o preço ou não apreço crítico por isso. Essa nova geração de escritores marginais, porém, embora tenha, talvez, herdado resquícios de liberdade que a anterior conquistou a duras penas, em termos estéticos e conteudísticos, nada tem a ver com ela (HOLLANDA, 2004).

No Recife, Miró, Valmir Jordão, Malungo, entre outros, são os ícones dos chamados escritores marginais, surgidos, em sua grande maioria, nas décadas de 1980 e 1990. Vale ressaltar que, ainda em 1980, os Escritores Independentes

dentos, contrapondo-se ao academicismo e certo fechamento da Geração de 1965, apadrinhada pelo crítico César Leal, já despertara para algumas atitudes tipicamente pós-modernas, usadas pelos marginais, posteriormente – performances em ruas e saraus em bares. Alguns deles, como Chico Espinhara e Cida Pedrosa, inclusive, continuaram a engrossar a fileira dos escritores marginais, lançando, com eles, livros ou saindo em sua defesa. Particularmente no Recife, diferente de São Paulo, tais escritores contaram com o aval governamental para lançarem livros – a coleção de antologias *Marginal Recife*, particularmente –, sendo questionados pela crítica, inclusive por este autor, já que estariam oficializados pelo poder público ou cânones acadêmicos, após essas publicações, fruto, vale salientar, de extrema organização dos mesmos junto aos dirigentes municipais (CERVINSKIS, 2008).

O feminismo, enquanto categoria de análise literária, praticamente nasceu com Julia Kristeva, na década de 1960, reinterpretando, não sem protestos das feministas mais aguerridas, conceitos de Lacan e Freud. A autora francesa conseguiu trazer para análise o estudo da sexualidade e dos papéis femininos e masculinos na literatura. Kristeva teve o grande mérito de não se deixar levar por produções extremadas da ideologia feminista, nem tampouco aprisionar-se em conceitos por vezes considerados machistas do *establishment* intelectual citado. Adaptou arcabouços teóricos, considerados contraditórios, como o complexo de Édipo de Freud, à análise literária, consolidando o arcabouço teórico pós-estruturalista do feminismo.

Autoras mais contemporâneas, porém, põem em xeque algumas dessas adaptações ou até mesmo chegam a questionar matizes do pensamento feminista, como o patriarcado.

É o caso de Judith Butler, que se detém mais rigorosamente sobre o arcabouço teórico do feminismo, inclusive refletindo a obra de Kristeva (BUTLER, 2010); Elisabeth Badinter, que corajosamente denuncia os “excessos” do feminismo, reflete as identidades feminina e masculina, sem hipocrisia ou proselitismo, inclusive pelo viés das diferenças; denuncia tabus, como a violência das mulheres e sua opressão sobre os homens, mas continua rechaçando o mito do “instinto maternal”. Nesse sentido, podemos dizer que Badinter procura um equilíbrio da crítica feminista, sendo, por vezes, mal interpretada. Esta, como outras autoras, inclusive pós-coloniais (Spivak) procura realçar as especifici-

dades das diferentes classes de mulheres. Considera as particularidades, por exemplo, das mulheres negras, pobres e imigrantes, em detrimento das brancas, ricas ou de classe média e cristã. São baluartes do que alguns têm catalogado como “pós-feminismo”, campo novo e vasto a se trabalhar, especialmente nos países emergentes ou de Terceiro Mundo (BADINTER, 2005).

Todas essas abordagens e fenômenos aqui apresentados necessitam de olhares críticos especializados, despojados de preconceitos acadêmicos, para serem interpretados com respeito e rigor teóricos, colaborando para a compreensão dessa complexa realidade em que todos estão imersos.

Olinda, 17 de agosto de 2011

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

_____. *Textos de Intervenção*. 34. ed., São Paulo: Editora 34, 2002.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e antologia: das origens ao realismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CERVINSKIS, André. *Ensaios de Circunstâncias*. Olinda: Livro Rápido, 2008.

FERNANDES, Rogério Cordeiro. A dialética envenenada de Roberto Schwarz. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 11, outubro 1998, p. 207-210. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/rogeri11.htm>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de Viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960/70)*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola, 2004.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Vozes Marginais da Literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRYSTHON, Ângela. *Cosmopolitismos periféricos: pós-modernidade e estudos culturais na América Latina*. Recife: Bagaço, 2002.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. As ideias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981. p. 13-28.

_____. *Dois meninas*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance?: Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

ESTUDOS CULTURAIS NA BERLINDA: A QUESTÃO DA IDENTIDADE SEGUNDO OS AUTORES NACIONAIS

Nascidos em Birmingham, na década de 1960, os Estudos Culturais vêm contribuindo para a identificação e estudo de diversos fenômenos da contemporaneidade, como o multiculturalismo, questões de identidade nacional e dos migrantes, os impactos da globalização, dentre outros. Utiliza os métodos e os instrumentos de crítica textual e literária, deslocando sua aplicação das obras clássicas e legítimas para os produtos da cultura de massa e para o universo das práticas culturais populares. Depois desse período, expandiu-se, com algumas adaptações, para a América Latina e Estados Unidos.

Segundo Mattelart e Neveu (2004), alguns fatores influenciaram na constituição da natureza dos Estudos Culturais de seu surgimento até os dias atuais: influência da etnografia nas metodologias para trabalhar recepção e identidades (principalmente em autores como JAMES LULL, 1980); valorização das culturas populares (operárias) como objetos de análises; empréstimo do conceito de hegemonia de Gramsci para analisar mais amplamente as interseções capitalismo-cultura; e as discussões entre multiculturalismo e discursos pós-coloniais (principalmente em autores como HALL e WILLIAMS); e resgate da dialética marxista na análise da recepção dos produtos culturais (STUART HALL).

Ângela Prysthon (2002) também destaca aspectos positivos dessa linha de estudos para a academia e sociedade pós-modernas, dentre os quais ressaltam-se: suscitar as questões de interdisciplinaridade, interligando aos estudos de mídia e cultura bases teóricas mais abrangentes (como a literatura, sociolo-

gia, história e comunicação); dar voz aos grupos marginalizados, que sofriam preconceitos acadêmicos, enquanto objetos de estudo (*gays*, lésbicas, negros, entre outros); levantar questionamento sobre as relações centro-periferia (países desenvolvidos e países subdesenvolvidos); promover a desmistificação e desierarquização entre objetos *científicos e não-científicos*; revalorizar reflexões sobre identidades, multiculturalismo/interculturalismo e o estudo das camadas populares e consumo cultural, influenciados pelos conceitos da Escola de Frankfurt, mas também incentivando sua releitura.

Concordando com tais observações, mas distanciando-me para lançar sobre eles um olhar mais crítico, sempre me incomodou a tentativa de adequar, em quaisquer circunstâncias, os objetos para análise pelos estudos culturais, quase como uma *camisa de força* epistemológica. Isso sem falar nos “modismos” acadêmicos, em que Bakhtin, um autor usado não somente nesse campo, mas em análise do discurso e literária, torna-se como um autor “Bombril”, servindo de base para quaisquer objetos, do carnaval do Rio de Janeiro à cultura *queer*; ou Foucault, de repente redescoberto pela Academia e lançado aos holofotes do meio intelectual; ou Homi Bhabha, que, por ser um autor classificado como “pós-colonial”, de repente serve para explicar todas as intercorrências identitárias de imigrantes e países dependentes.

Com bases epistemológicas muito amplas, os Estudos Culturais foram usados erroneamente por pesquisadores, que, inclusive, escolheram, como suporte teórico, autores de posições antagônicas, num mesmo texto dissertativo. Com isso, houve uma verdadeira importação de plataformas epistemológicas estrangeiras para nossas universidades, principalmente de origem anglo-saxã (BHABHA, HALL), em detrimento de autores nacionais, que já vinham discutindo essas questões, antes mesmo de esses autores surgirem ou concomitantemente a eles, como Antonio Candido, Silviano Santiago e Roberto Schwarz, por exemplo.

Com isso, infelizmente, o que se constata, ao se deter sobre diversas teses e dissertações que escolhem os Estudos Culturais de influência pós-colonialista já citados, é uma simples glosa e repetição de conceitos já consagrados, sem quaisquer contribuições ao arcabouço teórico já estabelecido:

Grande parte dos defensores vanguardistas dos estudos culturais quiseram conciliar em seu trabalho intelectual as posturas e os prestígios do estudioso e do político, das ciências sociais e das humanidades, da pesquisa e da criação artística. O resultado geralmente se traduziu em produções que não honram nenhum dos registros de ação e de invenção. (MATTELARD; NEVEU, 2004, p. 161).

A tendência a se deter no *mal-estar da pós-modernidade* ou a busca/afirmação de identidades, dessa forma, contribui para o descarte do cunho político-ideológico dos fenômenos hodiernos, como se as negociatas dos países desenvolvidos ou os impactos tecnológicos das novas mídias na vida quotidiana não tivessem a ver com toda a evolução do capitalismo nas últimas décadas, especialmente após a derrocada do comunismo e integração do ex-bloco comunista à sociedade de consumo. Essa atitude “*desideologizante*” é observada especialmente nos Estudos Culturais norte-americanos e das ex-colônias inglesas, tanto na África quanto na Ásia.

Dessa feita, autores como Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero, por exemplo, não obstante terem contribuído em muito para que se pudesse entender as peculiaridades da cultura da América Latina, terra híbrida, desde suas origens, sofrendo influências europeia e indígena principalmente (e, em menor escala, dos negros, dado o tipo de colonização efetuado na América Espanhola), adotaram, assim, um viés mais político-ideológico do que os autores da Escola de Birmingham, resgatando análises de cunho marxista, desenvolvendo conceitos de globalização, hibridização cultural e mediações culturais. Mas, também, esses correm o risco de serem interpretados sem quaisquer critérios por pesquisadores que pretendem trabalhar, por exemplo, o consumo e a cultura no Brasil.

De fato, os conceitos de mediação cultural e culturas híbridas, além de uma eficiente reflexão sobre os impactos da globalização no consumo cultural das grandes cidades da América Latina (CANCLINI, 1997), ajudam a se entrar com pés firmes no debate inadiável da mundialização (ORTIZ, 2007) dos atuais estilos de vida e modos de consumir cultura. Nessa esteira, Canclini explica as simplificações da padronização dos gostos e estilos de consumo na América Latina:

O consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados. [...] As reformulações negociadas de sua iconografia e práticas tradicionais são táticas para expandir o comércio e obter dinheiro, com o objetivo de melhorar sua vida quotidiana. O consumo multicultural, com que procuram satisfazer suas necessidades aproveitando os seus recursos tradicionais e os de diferentes sociedades modernas, confirma esta reorientação sutil dos setores populares. Mas cabe perguntar se essa versatilidade como produtores contribui para que eles sejam cidadãos. (CANCLINI, 1997, p. 83-251).

No entanto, não podem ser deixados de lado alguns cuidados nessas abordagens. A cultura latina (países de colonização hispânica), marcada por influências coloniais, tem no melodrama e na cultura de circo muitas das explicações de seu caráter de consumo e identidade (MARTÍN-BARBERO, 1997). Porém, o Brasil, enquanto colonização portuguesa, recebendo também influências indígenas e negras, hegemonicamente desenvolveu afetuosidades que mascararam preconceitos e condições de injustas relações de poder (senhor de engenho/escravo), além de influenciarem aspectos religiosos (sincretismo e trato afetivo com os santos), só para levantar alguns aspectos, que não podem ser unicamente interpretados à luz desses autores.

Nesse sentido, muito mais serviriam autores nacionais, que têm investido seu tempo e suor, detendo-se na compreensão da identidade cultural do país e no modo de se relacionar com o outro. Falo, especificamente, de Antonio Candido (*Literatura e Sociedade*, 1982; *Literatura e subdesenvolvimento*, capítulo do livro *A educação pela noite e outros ensaios*, 1987; *Formação da Literatura Brasileira*, 1981); Flora Süssekind (*Tal Brasil, Qual Romance?*, 1984); e Roberto Schwarz (especialmente seu artigo *Nacional Por Subtração* presente no livro *Que Horas São?*, 1987). Partindo da sociologia e literatura (marxismo renovado e teoria crítica contemporânea), esses autores discutem a identidade do Brasil perante os conceitos de dependência cultural (CANDIDO), entre-lugar (SANTIAGO) e binarismo cópia/original (SCHWARZ). Cabe aqui destacar que semelhante crítica foi compartilhada por Ângela Prysthon, em seu artigo *Pós-colonialismo e Estudos Culturais latino-americanos contemporâneos*, do livro *Cosmopolitismos periféricos* (2002):

A crítica da cultura brasileira contemporânea vai sendo influenciada pelos Estudos Culturais e pelas teorias pós-coloniais contemporâneos europeus e norte-americanos, e também redimensionada pelo quase súbito e crescente prestígio internacional e nacional que gozam certos nomes de uma arraigada tradição da teoria brasileira como Roberto Schwarz, Silviano Santiago, Antonio Candido, Heloísa Buarque de Holanda e Renato Ortiz, entre outros. (PRYSTHON, 2002, p. 151).

Antonio Candido, influenciador de toda essa leva de escritores que, em diferentes áreas (Sociologia, História, Literatura), se voltam para as discussões da cor local e das condições de países dependentes (os demais autores pós-colonialistas diriam *periféricos*), é referência obrigatória, tendo criado uma metodologia própria de análise literária (a Literatura enquanto sistema, integrada a toda herança ideológica e política da colonização):

Tanto Candido como Schwarz são extremamente influentes no meio acadêmico brasileiro, com vários nomes de peso tendo sido formados nessa tradição. Cabe destacar o trabalho de Flora Süssekind, que nas suas meticolosas análises literárias, tenta apreender, ao lado de uma abordagem estilística geral, as implicações do discurso social das épocas que toma como objeto de estudo. Nesse sentido, podem ser consideradas a concepção sociologizante de Candido e Schwarz e também dedicada percepção histórica, como demonstram seus estudos mais longos desde o final dos anos 80. (PRYSTHON, 2002, p. 154).

Mas, embora admitindo a contribuição de Candido e Schwarz para a discussão das identidades nacionais, a autora destaca, também, no mesmo artigo, a falta de referência aos estudos de pós-modernismo e temas predominantemente dos Estudos Culturais de linha anglo-saxã, por parte desses autores, não aprofundando, contudo, o porquê dessas omissões:

É notável, contudo, a ausência das alusões diretas ao pós-modernismo ou à pós-modernidade no discurso teórico brasileiro contemporâneo. Um das exceções é Sérgio Paulo Rouanet, que

na maioria dos ensaios de *Mal-estar na modernidade* (1993), retoma o conceito de pós-moderno (ou, mais precisamente, sua negação) na década de 90 – na década anterior tinha sido um dos principais “divulgadores” do conceito no país – para novamente especular sobre as condições da crise e da continuidade da modernidade no mundo e na periferia. (PRYSTHON, 2002, p. 155).

Assim, admitindo todo cabedal intelectual vindo dos países mais desenvolvidos (ele não nega a herança francesa, por exemplo, no refinamento do gosto estético do brasileiro), Candido trata de buscar uma forma própria de refletir sobre tais identidades, quando afirma:

A literatura do Brasil, como a dos outros países latino-americanos, é marcada por esse compromisso com a vida nacional no seu conjunto, circunstância que inexiste nas literaturas dos países de velha cultura. Nelas, os vínculos neste sentido são os que prendem necessariamente as produções do espírito ao conjunto das produções culturais; mas não a consciência, ou a intenção, de estar fazendo um pouco da nação ao fazer literatura. (CANDIDO, 2007, p. 18).

Nesse contexto de olhar para o estrangeiro com os pés fincados na terra natal, Santiago verificaria, na tematização recorrente de sua identidade, o drama ético do intelectual brasileiro, ante sua condição cultural ambivalente:

O intelectual brasileiro, no século XX, vive o drama de ter de recorrer a um discurso *histórico*, que o explica, mas que o destruiu, e a um discurso *antropológico*, que não mais o explica, mas que fala do seu ser enquanto destruição [...]. Na configuração ambivalente do seu ser cultural reside o drama ético do intelectual brasileiro, em face de todas as minorias da América Latina. (SANTIAGO, 1982, p. 17-18, grifos nossos).

O que Santiago explicita, nesse trecho, é o drama do intelectual brasileiro: ter de recorrer a autores de fora para compreender sua situação de subordinação, mas não se deixando dominar por uma **subserviência** intelectual. Seria tirar o bom que existe lá fora, mas adaptando conscientemente para as especificidades do Brasil, resgatando a herança interpretativa pátria, fruto de suas artes e, especialmente, de seus intelectuais.

Nesse sentido, trago aqui a discussão que iniciei na minha dissertação de mestrado em Linguística, defendida há algum tempo na UFPB, em que analisei **a representação do nacional em Manuel Bandeira (2009)**.

Nesse trabalho, foi analisada a relação de Bandeira com o modernismo e o regionalismo de 1926, capitaneado por Gilberto Freyre: quais valores de renovação foram aceitos pelo poeta e quais valores de tradição foram por ele defendidos. Discorri sobre os contatos de Bandeira com os modernistas do Nordeste, liderada por Gilberto Freyre, os chamados regionalistas, como a bibliografia frequentemente se refere a eles. E também sua adesão a muitos dos posicionamentos desse movimento. Aprofundei a ruptura de Bandeira com algumas posições iconoclastas e renovadoras dos modernistas, seu apego à tradição e sua contribuição ao modernismo do Centro-Sul. O Nordeste desempenhou o papel de pioneirismo na consolidação do Movimento Modernista, através da contribuição de muitos de seus artistas, como Vicente do Rêgo Monteiro. Este, com sua exposição em São Paulo, já em 1917, lançaria, juntamente com Cícero Dias e Manuel Bandeira (com *A Cinza das Horas*, do mesmo ano), obras artísticas que sinalizariam a necessidade de mudanças estéticas. Ao contrário de São Paulo, e, mais timidamente, do Rio de Janeiro, que abraçaram essas renovações artístico-culturais quase sem questionamentos (Oswald e Mário de Andrade), adaptando pouco o que vinha de fora, o chamado *Movimento Regionalista*, liderado por Gilberto Freyre, despertou criticamente os artistas e intelectuais da época para algumas questões que as vanguardas sudestinas desvalorizaram ou deixaram de fora, como o respeito às tradições populares, à memória do patrimônio material e imaterial da região, entre outros aspectos.

No aspecto da brasilidade especificamente, foram destacados alguns textos nos quais a cor local aparece explicitamente na obra de Bandeira, como sinais evidentes dessa opção regionalista-modernista. Bandeira demonstra uma forte inclinação à tradição. Respeita o resgate da brasilidade feito já pelos român-

ticos, embora em outra perspectiva. Nessa compreensão, o poeta não acata todas as críticas dos modernistas ao Romantismo, mas ressalta que autores como José de Alencar, já no século XIX, desenvolviam uma língua literária e cultural tipicamente brasileira. A procura dessa *brasilidade* perpassaria toda sua obra poética, desde a valorização da cultura popular, do jeito de ser do brasileiro, até a defesa de um *português do Brasil*.

Desde os inícios do Modernismo, Bandeira se posicionou a favor de um português do Brasil, uma variante do português, mas que conservou características da miscigenação, empreendida aqui pelo colonizador, defendendo que a fala do povo deveria ter lugar nos romances nacionais, como o fazia Mário de Andrade. E essa singularidade na maneira de escrever e falar do brasileiro foi assumida categoricamente por Manuel Bandeira, depois de impulsionada por Mário de Andrade, especialmente por meio das inúmeras crônicas que escreveu e da correspondência mantida com ele, por mais de 20 anos.

Como pude demonstrar, priorizando os autores nacionais, consegui desenvolver uma análise da brasilidade na obra de Manuel Bandeira, suas prováveis influências e a contribuição de sua posição equilibrada ao Modernismo. Fica, assim, registrado esse exemplo de utilização adequada de bases de análise para objetos que se referem às questões de identidades e multiculturalismos.

Reconheço os Estudos Culturais como campo epistemológico, e, como tal, enxergo também neles os limites de sua adaptação ao *corpus* escolhido pelo pesquisador. Afirmo, contudo, que eles devem ser usados de forma coerente com o objeto escolhido, com seriedade de análise, utilizando-se de bibliografia apropriada ao objeto e não como camisa de força, através da qual enxerga-se em tudo objetos analisáveis pelos Estudos Culturais. Tais autores, corroborando minha assertiva, apontam a saída possível para um maior reconhecimento da área e dos pesquisadores culturais:

A análise cultural permanece uma prioridade no mundo, tal qual ele se apresentou. Três votos, não forçosamente piedosos, sugerem a maneira de os estudos culturais renovados poderem se aplicar a ela. O primeiro seria reatar com o “materialismo cultural” explorado por E. P. Thompson e E. Williams, articular a fineza das topologias do simbólico aos princípios de realidade

que são o sociológico e o econômico. O segundo seria romper com todos os pós-academicismos, aceitar o desafio da ruptura com os modos teóricos e os objetos rotinizados. O último seria abrir-se ao *aggiornamento* das linhas e fronteiras disciplinares que tanto a evolução do mundo como a dos territórios universitários requerem. (MATTELARD; NEVEU, 2004, p. 198).

Sem ter a pretensão de esgotar, num simples artigo, toda a problemática epistemológica dessa linha de pesquisa, competentemente destacada por autores como Mattelart e Neveu (2004), o que desejo registrar é a necessidade de um olhar mais crítico e menos deslumbrado, de forma absoluta, perante os Estudos Culturais.

Olinda, 2009

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. Rio de Janeiro: 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987. (Série Temas, v. 1, Estudos Literários). p. 140-162.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CERVINSKIS, André. *Poesia e brasilidade: a representação do nacional em Manuel Bandeira*. 2009. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução as Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola, 2004.

PRYTHON, Ângela. *Cosmopolitismos periféricos: pós-modernidade e estudos culturais na América Latina*. Recife: Bagaço, 2002.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance?: uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

Darcy Ribeiro, em seu livro *O povo brasileiro* (2006), traça para seus leitores um retrato das etnias que formaram o Brasil: o indígena, o negro e o branco. A matriz tupi, que representou a indígena, era formada por povos nativos que viviam aqui já antes da chegada do colonizador. Detinham suas próprias formas de organização social: sua própria cultura, completamente diferente da do europeu, sendo quase que dizimados pelo último, em face de suas características próprias, como respeito, integração à natureza e organização social de cunho comunitário. Conhecendo profundamente a geografia local, colocaram-se frente ao europeu, ávido por ouro e prata, impregnados de uma mentalidade mercantil. O contato com o português fez o índio sofrer na alma e no corpo, graças à proliferação de doenças e à ausência cultural em suas identidades, devidas, principalmente, às catequeses, com ênfase as jesuítas, e a desorganização social, que de livre passou a ser escrava.

Quanto à matriz africana, quando o europeu chegou às costas da África, impulsionado pelo surto de navegação, encontrou um continente cheio de nações já constituídas, com chefes, sacerdotes e até comércio monetário em alguns casos. A própria escravidão estava instituída em diversos povos africanos. Pactuando com suas elites, os portugueses constituíram, entre a África e o Brasil, um dos maiores e mais lucrativos comércios da humanidade: a escravidão. O negro, carregado em navios negreiros, quando sobrevivia às péssimas condições da viagem, transformava-se em força principal da empresa agroaçucareira. No dizer de Gilberto Freyre, o negro foi “a mão

que moveu as caldeiras do engenho e o corpo que aqueceu a cama do sinhozinho”. Um dos pilares da economia brasileira, durante quase quatro séculos, o escravo conseguiu sua liberdade, após quase 50 anos de pendengas abolicionistas, mas continuou à margem da sociedade brasileira: das senzalas, passou a ocupar as favelas; trocou a enxada da roça pelo cabo da vassoura das casas e pelas máquinas da indústria. Contribuiu, porém, até mais que o indígena, para formar a civilização brasileira, impregnando a culinária, o jeito dos festejos, a língua e as relações sociais.

A matriz europeia, representada pelo português, configurou o colonizador. Ao chegar ao Brasil, que os índios chamavam “Pindorama” (Terra da Pedra Grande), os lusos pensaram haver encontrado o paraíso. O contato com natureza tão frondosa, a amabilidade e pureza das relações com os nativos fizeram com que acreditassem haver encontrado a “Terra sem males”, proclamada pelos ameríndios em suas mitologias. A cruz e a espada são os símbolos da colonização do Brasil. A cruz, representando o intuito evangelizador, que contagiou missionários, principalmente os jesuítas e franciscanos, a fim de salvar as almas pajés dos ameríndios. O ideal missionário fez o jesuíta invocar para si a obstinação de fundar com os indígenas uma nova sociedade pia, cristianizada, afastada dos males e pecados do europeu. As missões são resultado desse ideal, criando núcleos de colonização nos quais o indígena rezava e trabalhava o dia inteiro, purificando-se. A espada representou a ânsia colonizadora, que fez o português correr desesperadamente em busca de pau-brasil e, depois, de ouro e prata, nas Minas Gerais. Para tal intento, os colonizadores não planejavam escravizar índios, chegando até mesmo a matá-los quando necessário e a se oporem às missões dos jesuítas a ponto de os expulsarem no séc. XVII.

Daquelas três matrizes nasceu o povo brasileiro. Uma só nação, uma só língua, um mesmo sentimento de brasilidade, não obstante as diferenças regionais. O Brasil caboclo (amazonense), crioulo (do Nordeste), caipira (do Centro-Oeste e do Sudeste) e sulista (gaúcho) provou que, nas situações mais adversas, o país conseguiu se afirmar com sua identidade diante das interferências hispânicas. Uma matriz influenciou outra na definição da identidade nacional. E para mostrar como essa miscigenação foi além do físico, imiscuindo-se na ideologia do povo, Darcy Ribeiro cita, também, como a

herança cultural do sebastianismo alimentou alguns movimentos genuinamente populares, como a Revolta de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro, ao final do século XIX, logo no início da República Velha.

No dizer de Darcy Ribeiro (2006, p. 45), “somos um povo novo, aberto para o futuro”. A miscigenação brasileira ensina o mundo a conviver com as diferenças. Ao contrário da América espanhola, que não conseguiu, em sua maioria, uma integridade nacional, e da América anglo-saxã (inglesa), que somente transpõe a Europa para os trópicos, o Brasil criou uma nova forma de civilização: alegre, integrada, adaptável às mais diferentes adversidades. Não conseguiu ainda, porém, vencer suas desigualdades sociais, especialmente nas áreas econômica, de educação e de saúde. Isso porque o Brasil sempre virou as costas às necessidades de seu povo, satisfazendo as do mercado internacional, tanto europeu como norte-americano. Precisa-se, pois, reinventar o Brasil para os brasileiros, na afirmação de Darcy Ribeiro.

Nesse sentido, Alfredo Bosi (*Dialética da Colonização*) traz de volta a interferência do processo de miscigenação na composição da arte brasileira. No caso específico do barroco nacional, Aleijadinho, com suas expressividades e religiosidade, proporcionou traços diferenciados e disformes às suas esculturas. O barroco de Portugal não é igual ao de Minas Gerais ou de Pernambuco, por exemplo. Dessa forma, uma peça destinada ao culto dos eruditos tem um estilo popular da terra. Em outros aspectos culturais, nota-se nitidamente a influência do modo afro-indígena que determinou a identidade nacional. Os adeptos do catolicismo popular têm uma forma própria de se relacionar com os santos ao chamar, por exemplo, “meu Jesus Cristinho” ou invocar “Santa, Santa Teresinha do Menino Jesus”. Manuel Bandeira, no campo literário, demonstra o mesmo afeto de uma devota de Santo Antônio, que coloca sua imagem de cabeça para baixo até arrumar marido. Dessa forma, percebe-se que o modo sisudo de rezar dá lugar a uma efusiva demonstração nas relações afetivas, calorosas, que passam da convivência social para o relacionamento com os santos.

Olinda, 24 de setembro de 2011

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ENTRE SERPENTES E LEOPARDOS

FORMATO

15,5 x 22 cm

TIPOGRAFIA

Swiss 721 Cn BT

Minion Pro

Editora
Universitária  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea,

Recife - PE CEP: 50.740-530

Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395

www.ufpe.br/edufpe | livraria@edufpe.com.br | editora@ufpe.br

ISBN 978-85-415-0189-7



Este é um dos 17 títulos publicados com o selo da *Coleção Novos Talentos* (edital 2012). A iniciativa é fruto de uma ação conjunta entre a EdUFPE e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) e visa incentivar a publicação de obras inéditas, produzidas por servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A proposta é democratizar a possibilidade de publicação através da descoberta de novos autores que, embora ostentem inegável talento para as letras, têm difícil acesso ao mercado editorial por serem neófitos. Todos os títulos foram analisados pela Comissão Editorial da EdUFPE, composta por cientistas da UFPE com notável saber científico, e representam importantes contribuições para diferentes áreas, tais como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia.